



O POTENCIAL ESTRUTURANTE DE UM SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES NO TECIDO URBANO DA ÁREA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE (PB)

ANA CARLA, de Sousa Lima (1); HEITOR, de Andrade Silva (2); KARLA VICTÓRIA, Nunes da Silva (3);

(1) Universidade Federal de Campina Grande; Graduanda em Arquitetura e Urbanismo; Campina Grande – PB;
e-mail: slima.anacarla@gmail.com

(2) Universidade Federal de Campina Grande; Professor Doutor do Curso de Arquitetura e Urbanismo; Campina
Grande – PB; e-mail: heitor.andrade@ufcg.edu.br

(3) Universidade Federal de Campina Grande; Graduanda em Arquitetura e Urbanismo; Campina Grande – PB;
e-mail: karla.ns@hotmail.com

RESUMO

Não é incomum encontrar em cidades brasileiras espaços livres públicos destinados ao usuário tratados pelo Estado e pela sociedade como espaços isolados. Este artigo objetiva analisar o potencial estruturante do Sistema de Espaços Livres (SEL) no tecido urbano da área central de Campina Grande, PB, através da identificação de aspectos formais e de uso dos principais espaços livres públicos. Para tanto, foi criado um banco de dados, em um SIG, estruturado no tripé, recursos hídricos, mobilidade urbana e projeto nos espaços livres, com base em elementos físico-espaciais existentes. Foram identificadas inúmeras barreiras físicas no perímetro estudado que contribuem para a desarticulação do Sistema de Espaços Livres (SEL) enquanto espaço estruturante e destinado ao usuário. É premente que projetos de requalificação urbana considerem e assumam o conjunto dos espaços da área como unidade morfológica, resgatando o sentido mais essencial de uma cidade aprazível e ambientalmente equilibrada.

Palavras-chave: sistema de espaços livres; morfologia urbana; projeto urbano.

THE STRUCTURING POTENCIAL OF A SYSTEM OF OPEN SPACES IN THE URBAN MESH OF THE CENTRAL AREA OF CAMPINA GRANDE (PB)

ABSTRACT

It is not uncommon to find in Brazilian cities, public open spaces for the user treated by the State and society as isolated spaces. This article aims to analyze the structuring potential of system of open spaces in the urban mesh of the central area of Campina Grande, PB, by identifying formal aspects and use of the main public open spaces. Therefore, a database was created in a GIS, structured on the





tripod, water resources, urban mobility and design in open spaces, based on existing physical-spatial elements. They were identified numerous physical barriers in the studied perimeter that contribute to the disarticulation of the system of open spaces while structuring space and for the user. It is urgent that urban renewal projects consider and take all the spaces of the area as morphological unit, rescuing the most essential sense of a pleasant and environmentally balanced city.

Key-words: *system of open spaces; urban morphology; urban design.*

1. INTRODUÇÃO

Os espaços livres enquanto elementos estruturadores de um crescimento socioambiental equilibrado das cidades ganham importância, no meio técnico científico e acadêmico, entre outras razões, devido à contínua ampliação da ocupação urbana no Brasil. A desarticulação dos espaços livres públicos de muitas cidades brasileiras, contudo, associado a não apropriação, pelo estado e pela sociedade, enfraquece o seu papel estruturador do tecido urbano, assim como a suas consolidações como locais públicos, capazes de promover o sentido cívico e a equidade social. Em Campina Grande – cidade polo do Agreste da Paraíba, região do Semiárido nordestino – essa questão se torna evidente na área central da cidade, onde se concentram os espaços qualificados mais importantes.

Os espaços livres, se articulados, constituem um sistema. De acordo com Ferrari (1997, apud SILVA 2009), sistema significa reunião, grupo, conjunto. Segundo o autor um sistema é composto pelas partes ou elementos componentes e as interligações ou interações entre elas, que possuem um objetivo funcional. Naturalmente, as relações espaciais dos sistemas de espaços livres de uma cidade são dinâmicas, podendo incluir diferentes escalas, a metropolitana, a de cidade ou a de um fragmento urbano. Interessa-nos o último, ao qual poderíamos denominar sistema de espaço livre na escala do projeto. Esse conceito pode se relacionar com a própria noção de projeto urbano, que, segundo Ingallina (2008), surgiu como substituto da ideia de plano, sendo classificado como um projeto arquitetônico para grande escala. São abordagens perfeitamente aplicáveis à ideia de um SEL na escala do projeto (SELEP), que se pode resumir como parte de um todo (escala da cidade), percorrível a pé, e que se encontra articulado fisicamente ou com potencial de articulação.

Este artigo, resultado das pesquisas de iniciação científica (Pibic entre 2013 e 2015), vinculadas ao Grupo de Pesquisa Produção da Habitação e da Cidade (GPHEC), tem o objetivo de analisar o potencial estruturante do Sistema de Espaços Livres (SEL) no tecido urbano da área central de



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Campina Grande, PB, através da identificação de aspectos formais e de uso dos principais espaços livres públicos da cidade.

O universo em questão refere-se ao perímetro que abrange o Açude Velho, a Avenida Floriano Peixoto, o Parque Evaldo Cruz (Açude Novo), o Parque da Criança, o Parque do Povo e as Praças da Bandeira e Clementino Procópio. A análise foi sistematizada com base na forma e uso dos espaços, considerando a morfologia urbana, os recursos hídricos e a mobilidade urbana. Mais precisamente, foram considerados aspectos dos espaços construídos – uso e ocupação do solo; tipologias edilícias; fachadas como interface – e dos espaços livres públicos – tipologias dos espaços livres; mobiliário; mobilidade (hierarquia viária); recursos hídricos (permeabilidade do solo); forma/uso (no lugar de projeto).

Inicialmente, foram consolidados os conceitos básicos de espaços livres e sistemas de espaços livres, bem como se iniciou a sistematização de fichas de análise. Em seguida, foi utilizada a ferramenta Google Earth especificamente o Street View, para a caracterização dos lotes do entorno imediato dos espaços livres estudados, com base nos conceitos de Rodrigues (2005), referentes à tipologia contextual de edificações e à fachada como interface simbólica¹. Foram analisados os lotes imediatamente ligados aos espaços para compreensão da comunicação dos espaços com seu entorno imediato, bem como a influência que este tem sobre o funcionamento de cada espaço, observando as tipologias edilícias, de fachadas e de uso, e como estas interferem na intensidade de usos dos espaços. A coleta de dados primários, realizada *in loco*, correspondeu ao preenchimento das fichas técnicas, complementadas por observações e registros fotográficos.

Na fase de sistematização de dados foi consolidada uma base digital aliando uso de arquivos KML, gerados a partir da ferramenta Google Maps, e *Shape Files* da cidade de Campina Grande (PMCG), trabalhados em conjunto no software ArcGIS, a partir disso foram criados *Shape Files* específicos de cada espaço estudado, por meio de alimentação de suas respectivas tabelas de atributos com os dados coletados. Além das *shapes* dos espaços livres, foram elaboradas também *shapes* resultantes de análises dos lotes imediatamente ligados aos espaços, usando como base cartográfica arquivos da Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Campina Grande (SEPLAN).

¹ Tipologias edificadas segundo Rodrigues (2005): (i) casa térrea ou de sobrado; (ii) casa de vila; (iii) loja, isolada ou em edificação mista; (iv) bloco multipiso. De acordo com o autor, essas classificações podem ser entendidas do seguinte modo: (i) edificações de até dois andares; (ii) pequenos condomínios horizontais inseridos na malha urbana que possui uma única via privada; (iii) Loja, que é uma “extensão do espaço coletivo urbano e parte integrante dele.” Rodrigues (2005); (iv) edifício com pavimento térreo diferente dos demais, sendo saguão de lojas ou pilotis, por exemplo.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



A análise de dados consistiu na interpretação e apreensão dos dados para a leitura técnica dos aspectos que corroboram para a articulação ou desarticulação do sistema analisado, bem como na identificação de aspectos que promovem a interdependência dos espaços e reconhecimento de empecilhos para a apreensão e constituição de um sistema de espaços livres.

2. ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES DO SELEP

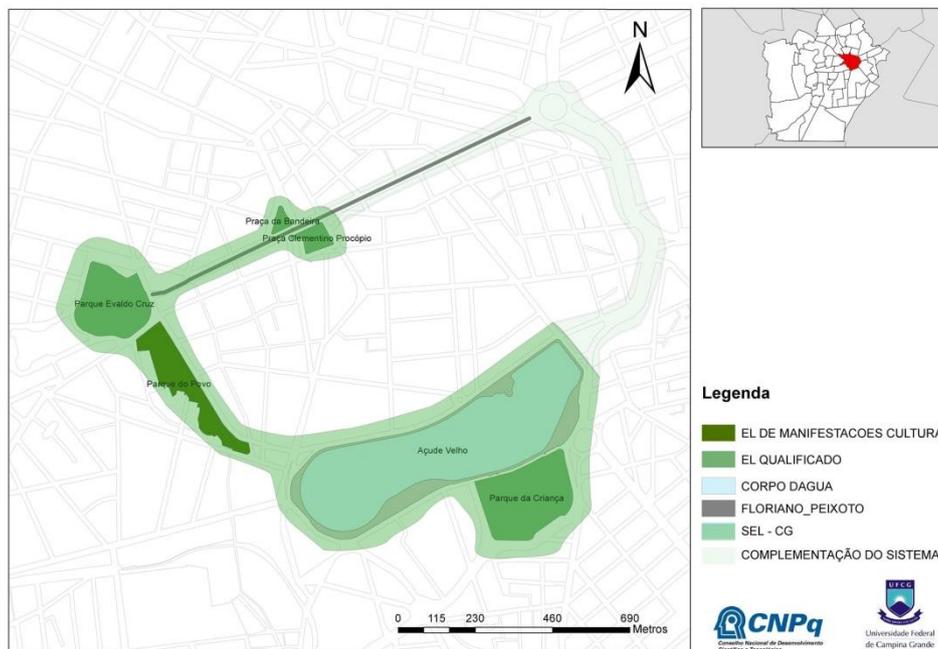
Adotando uma visão macro para o SELEP estudado, pode-se perceber com clareza uma conexão entre os espaços e que há a possibilidade de um fechamento de um circuito. Porém o perímetro em questão foi definido pelo fato de ser facilmente percorrível a pé levando-se em consideração características arquitetônicas e simbólicas, que reúnem atributos de valor de patrimônio cultural. (Mapa 1).



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Visão Macro do SELEP



Mapa 1: Mapa da Visão Macro do SELEP. Lima, A. C. S; Silva, K. V. N./Dados cartográficos PMCG. 2015

Os resultados apresentados a seguir não devem ser observados individualmente, pois constituem um conjunto que sofre influência de todas as variáveis. Aqueles resultados que não estavam previstos em ficha também se encaixaram em um dos eixos aos quais mais eram adequados.

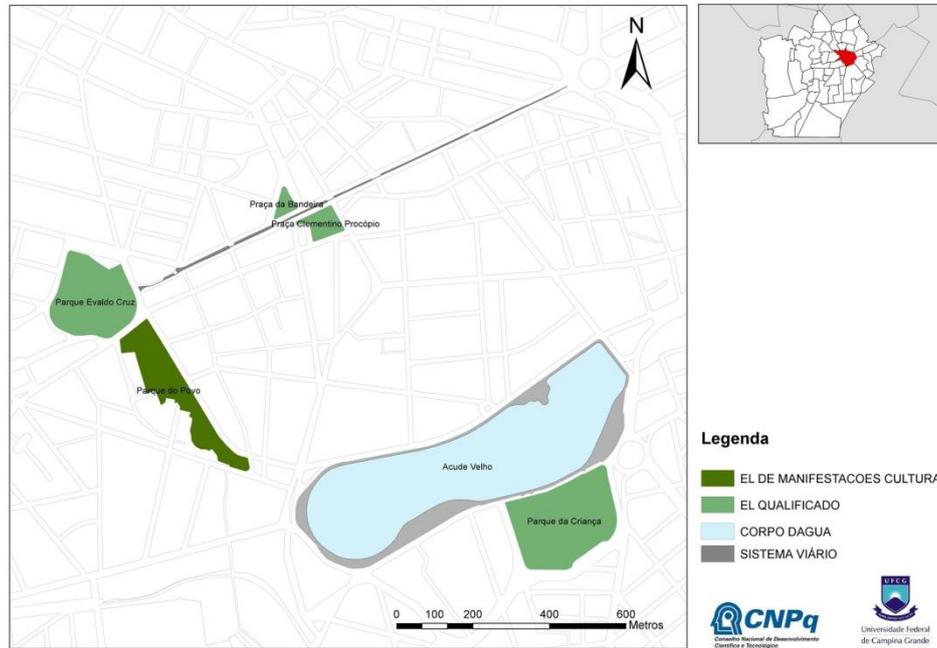
Para analisar a **Morfologia Urbana**, iniciou-se com a classificação dos tipos de espaço, e fez-se uso das categorias definidas no projeto de pesquisa anterior (Pibic 2013/14), “Espaços Livres em Campina Grande: Um quadro de paisagismo na cidade”, onde foram identificadas sete tipos de ELs, que levaram em consideração aspectos principalmente de ordem socioambiental e geográfica: Zonas especiais e áreas periféricas; EL qualificado; Sistema viário; ELs de apropriações informais; ELs institucionais; ELs de manifestações culturais; ELs residenciais. Destas categorias, três foram identificadas no SELEP e representadas no Mapa 2: (i) El qualificado; (ii) Sistema Viário; (iii) ELs de manifestações culturais. De acordo com Oliveira e Silva (2014), temos: (i) “aqueles que oferecem condições físicas adequadas para a realização de atividades recreativas, esportivas, de descanso ou de práticas sociais (...) são praças, calçadões ou parques equipadas com mobiliário urbano, passeios etc., além de, arborização e jardins.”; (ii) “espaços livres lineares, em geral as ruas ou avenidas com largos gabaritos e canteiros centrais, que interligam zonas da cidade.”; (iii) aqueles que não tiveram seus usos atuais determinados em projeto, os quais foram atribuídos pela população.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Classificação dos tipos de espaço



Mapa 2: Mapa Tipos de espaço. Lima, A. C. S; Silva, K. V. N./Dados cartográficos PMCG. 2015

Como EL de manifestação cultural temos o Parque do Povo (Figura 1), local onde acontecem eventos específicos em determinadas épocas do ano, tais como Consciência Cristã (no período do carnaval), o Campimóveis, feira imobiliária da construção civil da Paraíba, (entre os meses de fevereiro e abril, sem data específica), O Maior São João do Mundo (junho e julho), entre outros. Porém quando não é utilizado para tais fins, torna-se subutilizado em boa parte do tempo, acontecendo algumas apropriações informais, tais como a prática de esportes e atividades de lazer principalmente durante a noite.



(i)

(ii)



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Figura 1: (i) Parque do Povo em período de estruturação para o São João. Lima, A. C. S. 2015. (ii) Parque do Povo em período de São João. Disponível em: reporteriedoferreira.com Acesso em: 03 de jun.de 2015.

Na categoria dos ELs qualificados estão a maior parte dos espaços do universo de estudo. São eles o Parque da Criança, Parque Evaldo Cruz (Açude Novo), Praça Clementino Procópio e Praça da Bandeira. Apesar desses espaços pertencerem à uma mesma classificação, existe uma grande disparidade de níveis e formas de apropriação. Desses os mais utilizados são o Parque da Criança (Figura 2) e a Praça da Bandeira, sendo o primeiro bem servido de diversos equipamentos, tais como quadras de esportes, *playground*, academia pública, pista de *bicicross*, espaços livres para usos diversos, entre outros.



Figura 2: Parque da Criança. Silva. K. V. N. 2015.

A Praça da Bandeira (Figura 3) tem grande utilização principalmente por estar localizada em área comercial de grande movimento no centro da cidade, tanto em relação ao fluxo local, entorno imediato, quanto ao trânsito interbairros, por estar localizada em uma via estruturante (Av. Floriano Peixoto) que está incluída em um grande número de itinerários de transporte público. Além disso, esta exerce uma função cívica e simbólica para a cidade, estando presente no imaginário coletivo.



(i)

(ii)

Figura 3: (i) e (ii) Praça da Bandeira. Dantas. I. M. B. 2013.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



O Parque Evaldo Cruz (Figura 4), popularmente conhecido como Açude Novo, e a Praça Clementino Procópio (Figura 5) são os menos utilizados dessa classificação. São espaços com potencial de uso, pois detêm áreas destinadas a permanência, com mobiliário urbano que permitem tal prática. Em contrapartida, possuem um aspecto em comum que contribui para a sua baixa apropriação, as barreiras físicas, que são referentes à topografia e edificações localizadas na extremidade dos espaços, que dificultam a visualização entre o EL em questão e o outro EL mais próximo do sistema.



Figura 4: Parque Evaldo Cruz. Lima. A. C. S. 2015.

Figura 5: Praça Clementino Procópio. Lima. A. C. S. 2015.

O Açude Velho (Figura 6), classificado como Corpo d'água, é contornado por um calçadão para a prática de atividades físicas em diversos períodos do dia. Possui comércio formal e informal em sua margem, e é onde está localizado o Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP) do arquiteto Oscar Niemeyer, e o recém-construído Memorial do sesquicentenário de Campina Grande, entre outras construções.



Figura 6: Açude Velho. Silva. K. V. N. 2015.

Na categoria Sistema Viário destaca-se a avenida Floriano Peixoto (Figura 7), via estruturante da cidade, de acordo com o Plano de Mobilidade Urbana de Campina Grande (PlanMob). Tal avenida é

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



um eixo de grande importância da malha urbana que cruza toda a cidade, conectando diretamente três ELs estudados.



Figura 7: Avenida Floriano Peixoto. Lima. A. C. S. 2015.

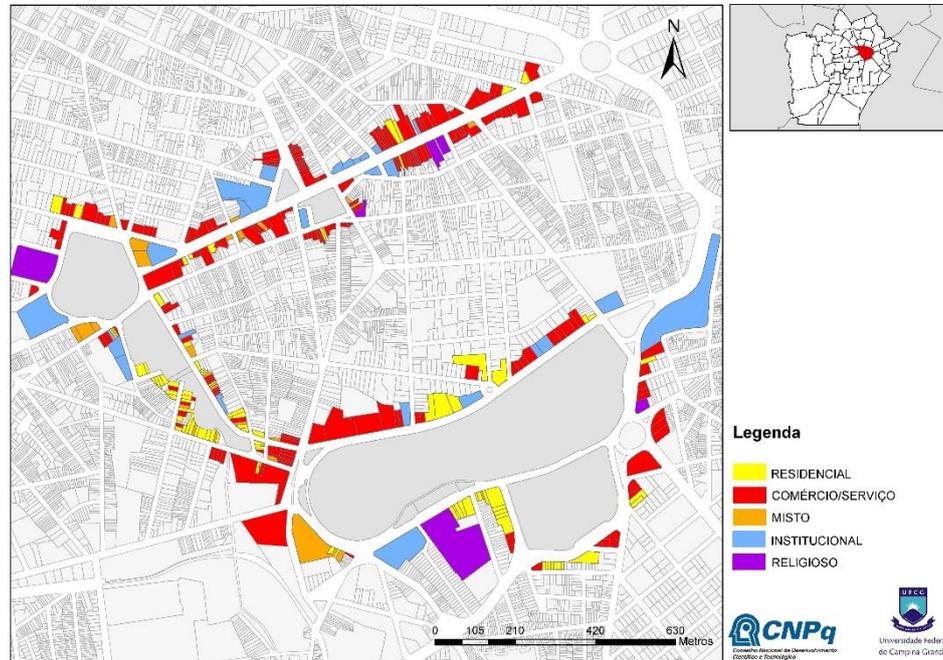
Para melhor caracterizar o entorno do SELEP foi elaborado o Mapa 3, que auxiliou a produção e dos Mapas 4 e 5. Desta forma, compreendeu-se melhor o espaço por meio do uso do seu entorno imediato, pela sua tipologia edilícia e pela relação de intermédio interno-externo dada pelas fachadas, caracterizando cênica e paisagisticamente os espaços analisados.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Mapa de Uso e Ocupação



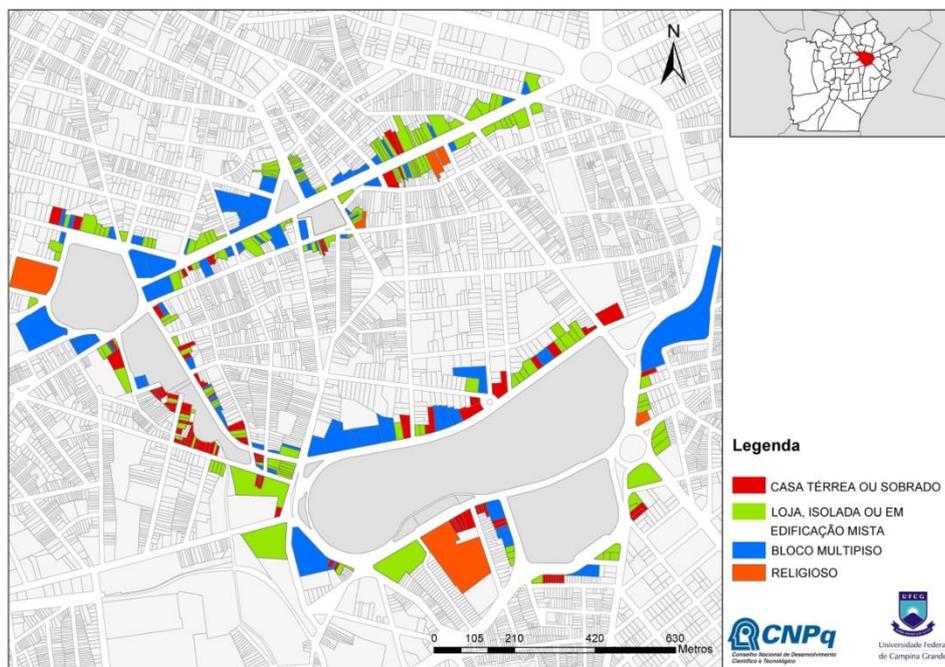
Mapa 3: Mapa Uso e Ocupação do Solo. Lima, A. C. S; Silva, K. V. N./Dados cartográficos SEPLAN. 2014

Para a elaboração do Mapa 4 foi utilizada as classificações de Rodrigues (2005), que realiza uma análise morfológica no centro histórico de Niterói, e consiste em quatro tipologias edificadas: (i) casa térrea ou de sobrado; (ii) casa de vila; (iii) loja, isolada ou em edificação mista; (iv) bloco multipiso. Dessas foram identificadas três nos lotes imediatamente ligados aos ELs (i, ii, iv), as quais podem ser entendidas como: (i) edificações de até dois andares; (ii) pequenos condomínios horizontais inseridos na malha urbana que possui uma única via privada; (iv) edifício com pavimento térreo diferente dos demais, sendo saguão de lojas ou pilotis, por exemplo.





Tipologia Contextual de Edificações



Mapa 4: Mapa Tipologia Contextual de Edificações. Lima, A. C. S; Silva, K. V. N./Dados cartográficos SEPLAN. 2014

Na Avenida Floriano Peixoto percebe-se uma forte presença de lojas, isoladas ou em edificações mistas, o que contribui para o grande fluxo de pessoas durante os horários comerciais. Existem também alguns blocos multipiso que pressupõem mais pessoas em um mesmo lote, significando maior demanda de fluxo nas vias de acesso a estes.

As praças da Bandeira e Clementino Procópio, localizadas no coração do comércio central da cidade, diferem nos níveis de fluxo em seu interior, mesmo com tipologias similares em seu entorno. O fluxo de pedestre é mais intenso na primeira que na segunda, não significando necessariamente que os usuários permaneçam por muito tempo na praça, porém ainda assim o nível de permanência na Praça da Bandeira é maior que na Praça Clementino Procópio. As duas praças possuem um valor simbólico muito forte em Campina Grande, pois além do seu repertório imagético-histórico, presente no imaginário coletivo da cidade, são nelas exercidas as funções cívicas próprias de espaços públicos.

Passando para o Parque Evaldo Cruz, notamos uma controversa, pois apesar de possuir vários blocos multipiso em seu entorno, não possui elevado grau de utilização, o que pode ser justificado posteriormente nas análises do mapa 5.

XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Em relação ao Parque do Povo, há uma predominância de tipologias de casa térrea ou de sobrado, porém as que se encontram na porção inferior esquerda, dão as costas ao espaço, formando uma grande fachada cega (fundos de lote). Quando não há grandes eventos acontecendo o espaço possui um fluxo passante que predomina em relação aos usuários que ali permanecem.

No perímetro do Açude Velho encontram-se várias lojas, blocos multipiso e algumas casas térreas ou de sobrado, uma diversidade de tipologias que juntamente com o significado que este espaço tem para a cidade potencializa seu uso, e ao contrário das lojas presentes na Avenida Floriano Peixoto, estas não permanecem fechadas durante os fins de semana.

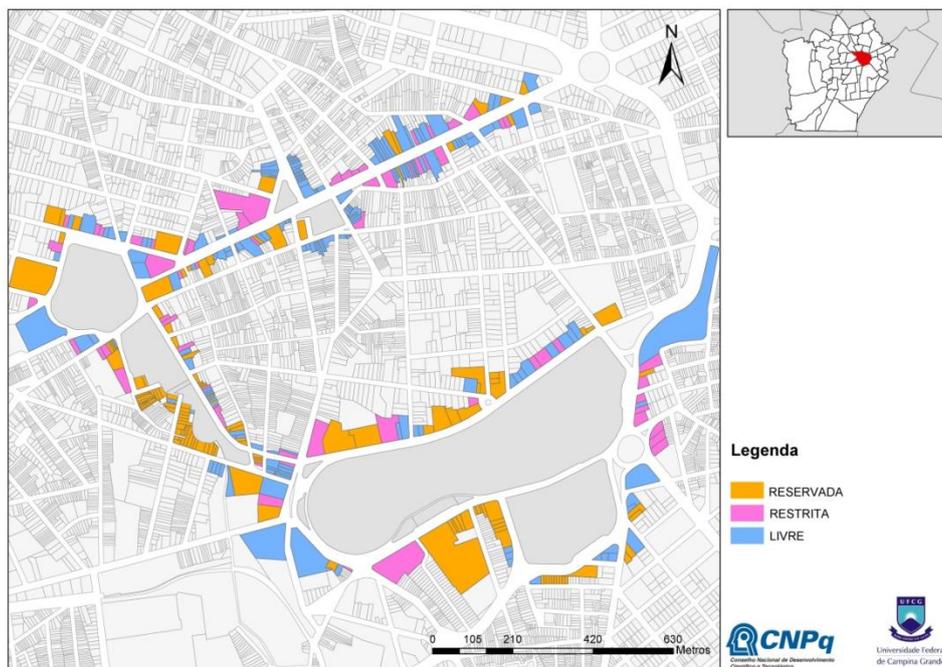
No entorno do Parque da Criança existem poucas lojas, blocos multipiso e casas térreas ou de sobrado, porém é um dos ELs mais utilizados do SELEP, principalmente para atividades de permanência. Possui grades em seu perímetro que determinam pontos específicos de acesso e limitam suas relações diretas com seu entorno, pode-se pressupor que essas mesmas grades que restringem essas relações criem certa sensação de segurança, aliadas à presença de vigias.

As análises referentes aos estudos das fachadas como Interface Simbólica (Mapa 5) adotam outra classificação de Rodrigues (2005) extremamente relacionado com a percepção do usuário na comunicação entre espaço exterior urbano e o espaço interior, dados pela fachada. A categorização define o “grau de acessibilidade sinalizado pela fachada, e que no olhar – de fora para dentro para fora – do usuário definiu-se em três níveis: acessos reservados (i), restritos (ii) e livres (iii).” (RODRIGUES, 2005, p. 80-81). (i) as relações entre interior e exterior não são exploradas, além de haver o controle da visão por parte do interior da edificação, quanto a composição da fachada, o cheio predomina sobre o vazio; (ii) preserva a relação entre cheios e vazios observada na anterior, guarda na abertura principal bastante simbolismo e o controle da visão é dado pode ser dado pela penumbra: à distância não consegue apreender o interior, apenas aproximando-se, “sem interferir na visão em sentido contrário”; (iii) de perfil livre contrasta com as anteriores, “é total a reciprocidade de vistas, (...), é parte de um permanente diálogos em centros urbanos”, além da predominância de vazios. Os exemplos mais recorrentes seriam: (i) casa (com muro alto, em sua maioria), (ii) igrejas e (iii) lojas.





Fachada como Interface Simbólica



Mapa 5: Mapa Fachada como Interface Simbólica. Lima, A. C. S; Silva, K. V. N./Dados cartográficos SEPLAN. 2014

Como essa categorização é feita a partir do que é possível visualizar ao passar pela rua, pode-se assim prever espaços que oferecem uma extensão do espaço urbano e outros que limitam e, em alguns níveis, oprimem com seus fechamentos.

A Avenida Floriano Peixoto implica uma diversidade de sensações para o transeunte, mesmo com o predomínio comercial abrigando fachadas de perfil livre, alguns quarteirões abrigam edificações restritas, bastante caracterizado pelo uso institucional.

As relações entre as Praças da Bandeira e Clementino Procópio e o entorno são de intensa troca visual nos horários comerciais, o predomínio de fachadas livres é garantido pela forte presença comercial na área, tal reciprocidade reforçaria uma vigilância natural para as praças, apesar da maioria do público que as perpassam cotidianamente não usufruam do espaço para a permanência.

O Parque do Povo e o Parque da Criança possuem uma predominância de fachadas reservadas, porém diferem nos níveis de utilização, aspecto que pode ser explicado pelo fato de o primeiro ser um espaço delimitado pelas próprias fachadas, que em alguns momentos o dão as costas, e por o segundo ser delimitado por grades, contendo suas atividades “dentro de si”.

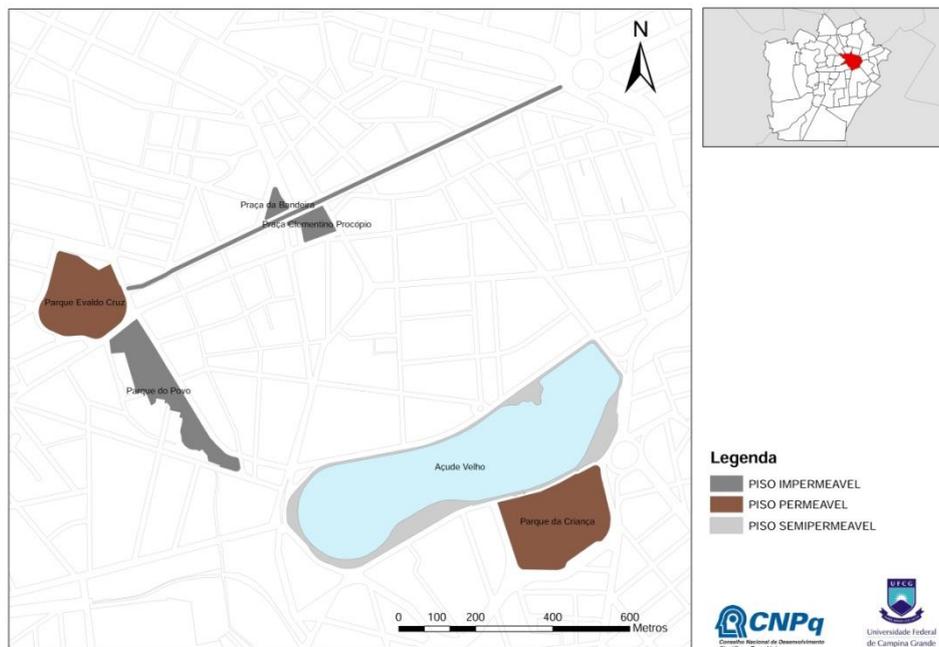




Açude Velho apresenta clara diversidade de fachadas, essa dualidade é concedida a partir dos lotes comerciais e residenciais. Este é um dos espaços mais procurados do SELEP e carrega uma forte imagem afetiva e histórica da cidade. O Parque Evaldo Cruz, por sua vez, ainda que possua algumas faces voltadas para fachadas livres, o seu desnivelamento e a presença de edificações contornando-o dificultam a comunicação entre o espaço interno e externo.

Relacionando-se com o eixo de análise **Recursos Hídricos**, empregado na ficha técnica, o Mapa 6 apresenta a predominância dos níveis de permeabilidade do solo, que por sua vez tem relação com usos propostos para o espaço.

Permeabilidade do solo



Mapa 6: Mapa Permeabilidade do Solo. Lima, A. C. S; Silva, K. V. N./Dados cartográficos PMCG. 2015

Os parques Evaldo Cruz e da Criança proporcionam atividades esportivas e recreativas ao ar livre, possuem predominância do solo natural, piso permeável, caracterizados por maciços arbóreos. O Parque do Povo, por sua vez, apesar de ser denominado “parque” possui predominância de piso impermeável, já que foi planejado para comportar um grande número de pessoas para fins de manifestações culturais.

Enquanto que as praças Clementino Procópio e da Bandeira, mesmo contendo vegetação para a garantia de sombra e consequente permanência, possuem o predomínio de pisos impermeáveis.



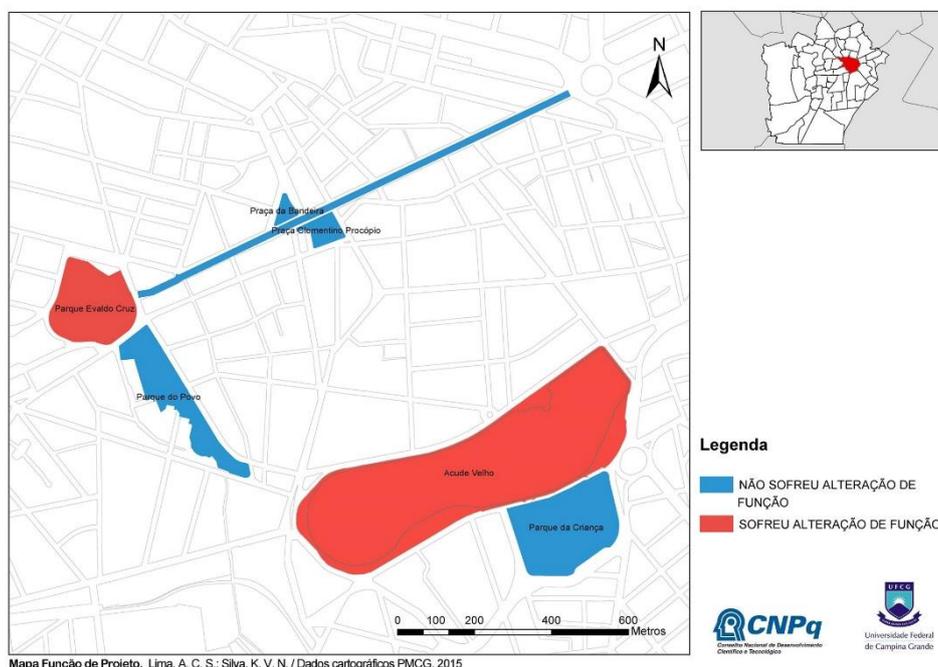
XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Há uma relação entre tipos de uso e tipos de solo. Espaços destinados à atividades recreativas possuem predominância de piso permeável. Já espaços destinados à permanência e à realização de eventos possuem predominância de piso impermeável.

Analisando o item **Projeto nos Espaços livres**, no Mapa 7 tem-se um panorama do SELEP no que diz respeito às alterações de função, identificando aqueles que sofreram ou não alterações ao longo do tempo desde seu surgimento.

Função de projeto



Mapa 7: Mapa Função de Projeto. Lima, A. C. S; Silva, K. V. N./Dados cartográficos PMCG. 2015

A mudança mais drástica foi a do Parque Eivaldo Cruz, antigo Açude Novo, que diferentemente do Açude Velho, que também mudou de função, deixou de ser enquadrado na categoria de corpo d'água e foi reformulado no perfil de parque. Um fator preocupante sobre Parque Eivaldo Cruz é seu corrente abandono mesmo depois de sua reconfiguração. Apesar do Açude Velho ainda estar classificado como corpo d'água, este não mais exerce a função de abastecimento da cidade, devido a poluição das suas águas. Houve a elaboração de um novo projeto, o do calçadão que contorna o açude, que hoje é bastante utilização para a prática de atividades físicas. Os demais espaços não sofreram alteração de função desde sua origem.

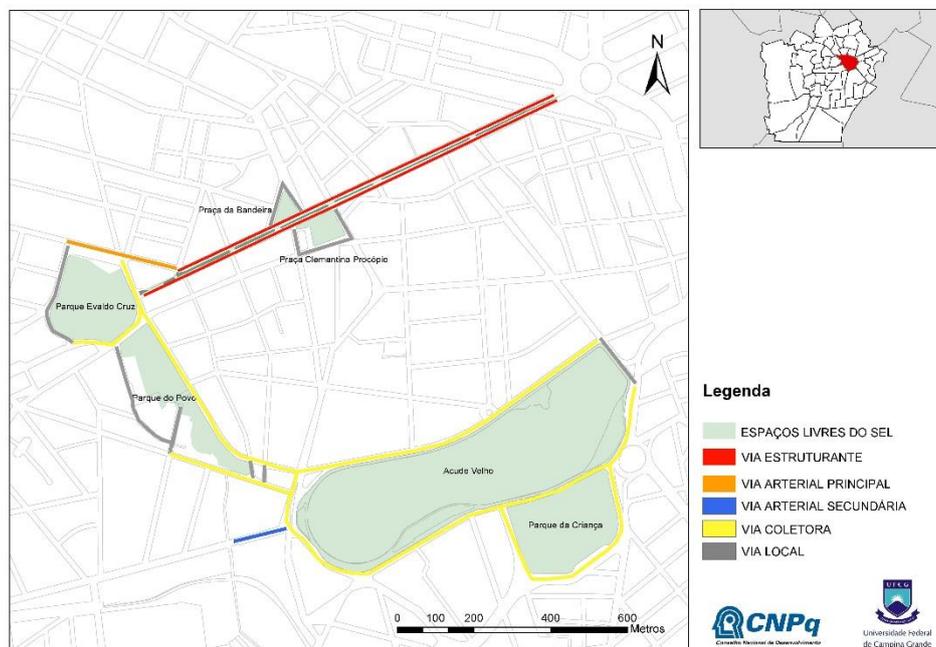


XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



No quesito **Mobilidade Urbana** o sistema viário é protagonista na função de interligação dos espaços, e o potencial de reconhecimento desse conjunto como SEL é evidenciado no Mapa 8, que mostra a hierarquização das vias que encontram-se no entorno imediato dos espaços livres do SELEP. De acordo com o Plano Diretor, a hierarquização de vias é feita da seguinte forma: arterial principal; arterial secundária; coletora principal; coletora secundária; local. Porém, a classificação utilizada para a elaboração do mapa a seguir foi a presente no Plano de Mobilidade Urbana de Campina Grande (PlaMob), em desenvolvimento, com previsão de finalização neste ano.

Hierarquização de Via



Mapa 8: Mapa Hierarquização de vias. Lima, A. C. S; Silva, K. V. N./Dados cartográficos PMCG. 2015

Com base nas análises do Mapa 8, pode-se notar uma relação entre os modos de uso do espaço (permanência) e o nível do fluxo das vias. Os espaços circundados por vias coletoras apresentam maior nível de permanência dos usuários, não fazendo parte simplesmente de suas rotas, mas sim para seu usufruto. Exceto os casos do Parque Evaldo Cruz e do Parque do Povo, já explicados anteriormente. Já no caso das Praças Clementino Procópio e da Bandeira, mesmo possuindo vias coletoras em seu entorno, a via estruturante tem grande peso em seus perfis, não resumindo seus papéis somente para o uso de permanência, mas também incluindo-as nas rotas dos transeuntes.

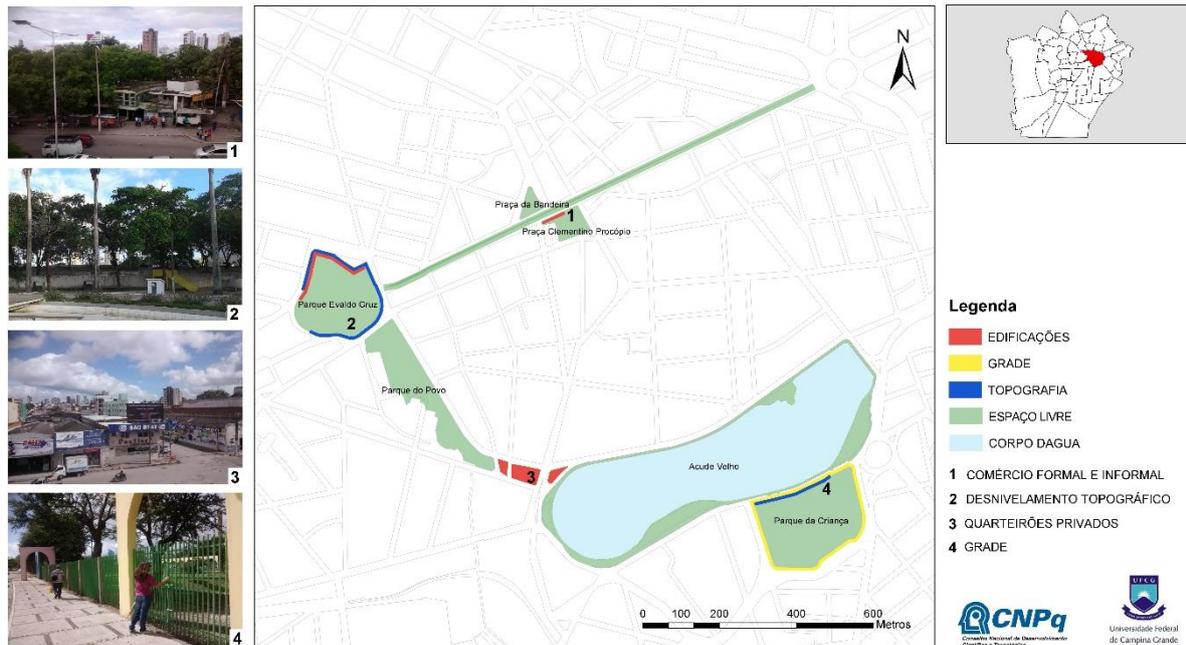


XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



As discussões sobre abandono, baixa apropriação ou até mesmo a desarticulação dos espaços pode ser fundamentada através da identificação de barreiras físicas (Mapa 9), observadas durante as visitas aos espaços.

Barreiras físicas



Mapa 9: Mapa Barreiras Físicas. Lima, A. C. S.; Silva, K. V. N./Dados cartográficos PMCG. 2015

A Praça Clementino Procópio, por sua vez, possui barreiras físicas que impedem a visualização do EL mais próximo (Praça da Bandeira), contribuindo para a desarticulação do SELEP. Tais barreiras são compostas pelo setor comercial formal e informal, gerando uma descontinuidade explícita entre esses espaços. Dessa forma, acaba por zonar a praça em áreas comerciais, extremamente utilizadas, e de permanência, subutilizada, podendo causar uma sensação de insegurança. Além disso, a Avenida Floriano Peixoto também pode ser considerada uma barreira por ser uma via de alto fluxo, o que limita a transição de uma praça a outra.

O Parque Evaldo Cruz sofre por estar fisicamente abaixo do nível da rua, dificultando a comunicação visual entre o EL e seu entorno, inclusive com o Parque do Povo (EL mais próximo). Além da barreira topográfica, existem as barreiras edilícias, que contornam parte do espaço, “dando as costas” para o parque, entre elas estão quiosques, o Museu de Artes Assis Chateaubriand, onde atualmente funciona a Secretaria de Cultura Municipal (SECULT) e o terminal de integração. Equipamentos como estes poderiam estar integrados de forma mais efetiva com o EL, fazendo com que o seu interior



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



fosse tão utilizado quanto as suas margens, que recebem um fluxo incontável de pessoas todos os dias, principalmente pelo transporte público, enquanto seu interior permanece abandonado, uma das grandes ironias da cidade. O fato de o perímetro do espaço ser mais utilizado que seu interior pode ser um ponto que venha a contribuir para que a população não se sinta segura no espaço, devido à baixa quantidade de usuários. Assim como a Av. Floriano Peixoto, a Rua Lino Gomes da Silva, entre o Parque do Povo e o Parque Evaldo Cruz, também é uma via de alto fluxo e interfere na passagem de um espaço para o outro.

O percurso entre o Parque do Povo e o Açude Velho possui edificações que dificultam sua integração visual e conseqüentemente sua articulação direta. O Parque da Criança, mesmo sendo adjacente ao Açude Velho, está contido em seu próprio perímetro, delimitado por grades, determinando pontos e horários específicos de acesso, prejudicando novamente a compreensão desses espaços como um sistema, além do fato da diferença topográfica entre os espaços dificultar uma mútua visualização.

Além da clara descontinuidade visual observada no sistema estudado, percebe-se ainda uma falta de sintonia entre seus espaços, destacada pela falta de unidade visual do **Mobiliário Urbano** dos mesmos. Através da aplicação das fichas técnicas, observou-se a presença, estado e distribuição dos mesmos, e para corroborar o diagnóstico da desarticulação foram organizados quadros de imagens comparando o mobiliário específico de cada espaço. A partir disso, constatou-se que cada um possui uma identidade visual independente referente ao mobiliário, conferindo a cada EL imagem própria, havendo uma quebra de continuidade no sistema como um todo.

3. CONCLUSÃO

Na área central do município de Campina Grande, podemos constatar, com base na leitura morfológica realizada, que os espaços do SELEP cumprem sua função estruturadora do espaço, porém por apresentar desarticulação entre um e outro esse papel é prejudicado, afetando o funcionamento do sistema como um todo. Mesmo sendo possível a visualização de uma continuidade do SELEP na escala macro, ao observar a escala micro, aquela vista pelo ângulo do pedestre, pode-se observar sua desarticulação pela existência de barreiras físicas que impedem e/ou dificultam a conectividade visual dos ELs e pela clara inexistência de unidade visual entre o mobiliário urbano.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



Observando a função de cada espaço do SELEP, e tendo-os como um conjunto, percebe-se que o todo tem sua função distribuída por espaços, enquanto um não comporta eventos de grande porte, o outro desempenha tal posição. Este mesmo que sedia grandes eventos não é apropriado para a permanência em outras épocas do ano, e um outro EL próximo ocupa tal posto. E é desta forma que mesmo estando desarticulado, pelos motivos apresentados, o sistema exerce a estruturação da cidade.

Considerando os espaços livres como estruturadores do crescimento e consolidação de uma cidade, o estudo e desenvolvimento do SELEP e de sua metodologia geram uma possibilidade de reprodução do modelo em outros cenários urbanos, dentro ou fora do contexto de Campina Grande.

Dessa forma, os resultados desta pesquisa pretendem servir como base de diagnóstico para futuras intervenções projetuais que visam à articulação dos espaços livres da área central da cidade. Com base nos resultados alcançados é possível concluir que os espaços livres em questão encontram-se desarticulados, mas passível de se resgatar o seu sentido de unidade morfológica, ou seja, de um Sistema de espaços livres na escala do projeto.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, I. M. B. **Registro fotográfico de observação da Praça da Bandeira a partir do Edifício Lucas:** Campina Grande, Paraíba, 2013.

DANTAS, I. M. B. **Registro fotográfico de observação da Praça da Bandeira:** Campina Grande, Paraíba, 2013.

INGALLINA, Patrizia. **Le projeturbain.** Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

LIMA, A. C. S.; SILVA, K. V. N. **Registro fotográfico de visita de campo aos ELs da área central de Campina Grande, Paraíba:** PIBIC: "CAMPINA GRANDE (PB): sistema de espaços livres da área central da cidade" (UFPG). Campina Grande, 2015

N. L. Paulo José.; SILVA, H. de A. . A Paisagem Costeira de Natal/RN onde se Espacializa uma Conflituosa Relação Socioambiental: relato de uma experiência acadêmica. In: TÂNGARI, Vera Regina; ANDRADE, Rubens de; SCHLEE, Mônica Bahia. (Org.). **Sistema de Espaços Livres: o cotidiano, apropriações e ausências.** 1 ed. Rio de Janeiro: Coleção PROARQ, 2009, v. 1, p. 1-496.

OLIVEIRA, S. B.; SILVA, H. de A. Espaços Livres em Campina Grande: Um Quadro do Paisagismo na Cidade. In: **XI Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande, 2014,** Campina Grande – PB. XI Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande, 2014.



XI COLÓQUIO QUAPA SEL – QUADRO DO PAISAGISMO NO BRASIL
SALVADOR – BAHIA - UFBA



RODRIGUES, F. M. **Forma, Imagem e Significado em Estruturas Urbanas Centrais.** Niterói: EdUFF/ProEditores, 2005.

